

Introdução à Antroposofia – parte 2

Ana Paula I. Cury



O Caminho Cognitivo da Antroposofia

Quando Steiner apresenta os frutos de sua pesquisa espiritual como conteúdo do livro *Ciência Oculta*, ele admite que seu teor deveria ser dado em pensamentos que, para a apresentação do âmbito espiritual, fossem aperfeiçoamentos adequados dos pensamentos aplicados nas Ciências Naturais.

(...) Contudo, somente com tais pensamentos não se pode expor o que se revela à visão suprasensível como mundo do espírito – pois essa revelação não cabe num mero conteúdo intelectual. (...) Pensamentos da consciência habitual são apropriados apenas para comunicar as percepções sensoriais, e não para revelar o que se observa espiritualmente.

O conteúdo da visão espiritual só pode expressar-se por meio de imagens (imaginações), através das quais falam inspirações provenientes da entidade espiritual vivenciada de modo intuitivo. No entanto, quem descreve imaginações do mundo espiritual hoje, não pode limitar-se a apresentar essas imaginações. Com isto colocaria ao lado do conteúdo cognitivo da época outro conteúdo de consciência sem qualquer ligação com aquele.

Ele deve preencher a consciência atual com aquilo que uma outra consciência, ao contemplar o mundo espiritual, é capaz de conhecer. Então seu relato terá por conteúdo esse mundo espiritual; porém tal conteúdo se apresenta sob forma de pensamentos aos quais ele tem acesso, tornando-se plenamente compreensível à consciência comum – que pensa conforme a atualidade mas ainda não tem visão do mundo espiritual. (...) Para realmente possibilitar um entendimento, quem expõe visões espirituais deve vertê-las corretamente em pensamentos, sem que elas percam seu caráter imaginativo.

Essa compreensão só faltará se a própria pessoa lhe antepuser obstáculos – identificando-se com os modernos preconceitos relativos aos limites do conhecimento criados por uma concepção errônea da natureza.

A quem leia com cuidado as observações preliminares com que Steiner abre A Ciência Oculta, torna-se evidente que ele contava com uma forte resistência sob a forma de objeções e preconceitos. Afinal, seu trabalho estava fundado em um novo paradigma epistemológico. Não obstante, com a fé inabalável que move todo grande pioneiro, ele corajosamente insiste em apresentar os frutos de sua pesquisa espiritual – os quais sentia como extremamente necessários à humanidade — e o faz de forma amorosa, colocando-se no lugar daqueles que lhe desferiam ataques e buscando compreendê-los para melhor lhes responder.

Ele mesmo se refere a isto nas seguintes palavras: “Naquela época (1909) a publicação do livro pareceu-me uma façanha, pois eu sabia que não podiam ter isenção de ânimo aqueles que se dedicavam profissionalmente à Ciência Natural, nem tampouco aqueles que, em seus juízos, dependiam deles.

No entanto, presente diante de minha alma estava o fato de, na época em que a consciência da humanidade se havia afastado ao máximo do mundo espiritual, as comunicações desse mundo superior serem uma necessidade imperiosa. Eu contava com a existência de pessoas que sentissem ora mais, ora menos o afastamento da espiritualidade como um impedimento tão grave em suas vidas, que assimilassem com íntima ansiedade as comunicações do mundo espiritual.”

Ele mesmo prossegue dizendo: “Quando alguém deixa seu juízo ser invadido pela afirmativa de que a visão espiritual não pode ser compreendida pela consciência comum, ainda não vidente – por causa de seus limites – esse juízo baseado em sensação se antepõe ao entendimento como uma nuvem escurecedora e a pessoa realmente nada pode entender.”

Steiner admitia que a atividade cognitiva humana, tal como atua na vida cotidiana e na ciência comum é realmente constituída de forma a não poder penetrar nos mundos superiores. Entretanto, assim afirmava ele, ela pode ser fortalecida, revigorada. Apenas que os meios para seu fortalecimento são de natureza inteiramente espiritual; trata-se de procedimentos anímicos, puramente interiores. Eles consistem naquilo que a própria

Ciência Oculta descreve como meditação, concentração, contemplação. A vida anímica comum está ligada aos instrumentos corpóreos. A vida anímica fortalecida se liberta deles. Por isso mesmo é que trabalhou conscientemente para não fazer uma exposição popular, mas uma que exigisse um autêntico esforço mental para se penetrar no conteúdo, de forma que a leitura, por si mesma, já constituísse o início de uma disciplina espiritual.

Por outro lado, “embora o livro se ocupe com pesquisas não verificáveis pelo intelecto ligado ao mundo sensório, nada se expõe que não possa ser comprovado pela razão imparcial e pelo sentido sadio da verdade de qualquer pessoa disposta a fazer uso de tais faculdades”.

Assim, ele também desejava que seus leitores não aceitassem tais conteúdos com uma fé cega, mas que se esforçassem para comprová-lo valendo-se dos conhecimentos da alma e das experiências da própria vida. Não lhe interessavam a fé cega, nem a insensatez ou a superstição, mas uma observação conscienciosa a partir de uma abertura ou ausência de preconceitos e o uso do juízo são.

E foi sua intenção descrever claramente a natureza dos processos anímicos mediante os quais o conhecimento se liberta de seus limites existentes no mundo sensorial e se torna apto a vivenciar o mundo suprassensível. Importava-lhe oferecer uma visão dos mundos suprassensíveis com os meios possíveis e adequados à alma na presente época evolutiva e , permitir desse ponto de vista, a observação dos enigmas do destino e da existência humana além dos limites de nascimento e morte. Como podemos constatar de suas próprias palavras: “A observação do mundo visível propõe ao homem enigmas que jamais podem ser solucionados a partir dos fatos desse mesmo mundo. É que por sua natureza intrínseca, os fatos visíveis apontam claramente para um mundo oculto.

“(…) A Ciência Oculta é a ciência daquilo que ocorre secretamente na medida em que não é percebido lá fora, na natureza, e sim na região para onde a alma se orienta ao dirigir seu íntimo ao espírito”.

O caminho para a Ciência Oculta pode ser encontrado, no momento oportuno, por qualquer pessoa que reconheça – ou apenas imagine, ou adivinhe – a partir do mundo visível, a existência de uma realidade oculta, e que, consciente da prontidão das forças cognitivas para o desenvolvimento, seja compelida à sensação de que essa realidade oculta poderia revelar-se a ela. A uma pessoa conduzida à Ciência Oculta por essas vivências da alma, abre-se não só a perspectiva de encontrar resposta a certas indagações de seu impulso cognitivo, como também aquela, totalmente diversa, de vencer tudo o que lhe dificulte e debilite a vida. E, em certo sentido superior, significa um enfraquecimento da vida ou uma espécie de morte da alma o fato de um homem se ver obrigado a afastar-se do âmbito suprassensível ou negá-lo.

Sim – sob certas condições, uma pessoa poderá chegar ao desespero se perder toda a esperança de ter uma revelação do oculto. Essa morte e esse desespero, em suas múltiplas formas, são ao mesmo tempo adversários anímicos, interiores, do esforço científico-espiritual, e surgem quando desvanece a força interior do homem. Nesse caso, toda força

vital lhe deve ser administrada de fora, se é que realmente ele deve recebê-la. Então ele passa a perceber os objetos, seres e ocorrências que lhe afetam os sentidos analisando-os com o intelecto. Estes lhe causam prazer e sofrimento; impulsionam-no para as ações de que é capaz. Mesmo continuando nesse processo por algum tempo, ele alcançará ponto em que morrerá interiormente, pois aquilo que se pode extrair do mundo para o homem se esgota. Esta não é uma afirmação oriunda da experiência pessoal de um indivíduo, e sim o resultado de uma observação imparcial de toda a vida humana.

O que preserva desse esgotamento é o elemento oculto que repousa na profundidade das coisas. Caso se acabe no homem a energia para descer a essas profundidades, a fim de sempre extrair nova força vital, no final nem mesmo o exterior das coisas se mostrará capaz de fomentar a vida.

De maneira alguma esse assunto diz respeito apenas ao ser humano individual, com suas alegrias e dores pessoais. Justamente por meio de considerações científico-espirituais verídicas o homem chega à certeza de que, de um ponto de vista superior, as alegrias e dores do indivíduo se relacionam intimamente com o bem-estar e o infortúnio de todo o universo. Existe aí um caminho pelo qual o homem chega à convicção de que estará prejudicando o mundo inteiro e todos os seres nele existentes caso não desenvolva adequadamente nele suas próprias forças.

“Tornando sua vida estéril pela perda de contato com o supracosmético, o homem não só destrói em seu íntimo algo cuja extinção pode levá-lo ao desespero, como também cria, por sua fraqueza, um obstáculo à evolução de todo o mundo onde vive.”